

LUCILO VAREJÃO FILHO

A imagem de pedra

[POESIA]

2ª edição acrescida

Editora
Universitária  UFPE

ã imãgem. de pedrã
[POESIA]

LUCILO VAREJÃO FILHO

ã imãgem de pedrã
[POESIA]

2ª edição acrescida

Ilustrações de Ladjane
Prefácio de Marcos Vinícios Vilaça
Posfácio/Ensaio de Clementina Lapenda
Org. Lucilo Varejão Neto

Editora
Universitária  UFPE

Recife 2011.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

Créditos

Capa e Projeto Gráfico Ana Farias

Ilustrações Ladjane

Montado e impresso na oficina gráfica da

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | edufpe@nlink.com.br | editora@ufpe.br

Editora associada à



Catálogo na fonte

Bibliotecária Josely de Barros Gonçalves, CRB4-1748

V292i Varejão Filho, Lucilo.

A imagem de pedra : poesia / Lucilo Varejão Filho ; ilustrações de Ladjane ; Prefácio de Marcos Vinícios Vilaça ; Posfácio/Ensaio de Clementina Lapenda. – 2. ed. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011.

[83] p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7315-820-5 (broch.)

1. Poesia brasileira. 2. Varejão Filho, Lucilo – Bibliografia. I. Ladjane (il.). II. Vilaça, Marcos Vinícios (pref.). III. Lapenda, Clementina. IV. Título.

B869.1

CDD (22.ed.)

UFPE (BC2010-166)

Este livro obteve:

O prêmio de poesia Governo do Estado
de Pernambuco, em 1958.

O prêmio de poesia Othon Bezerra de Melo,
da Academia Pernambucana de Letras, em 1963.

Do autor

O Teatro de Molière ou a compreensão burguesa da vida. (Contribuição ao estudo das manifestações da mentalidade burguesa na obra de Molière). Tese. 1º lugar em concurso para preenchimento de uma das Cátedras de francês do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife. 1954.

Poésie et liberté. (L'oeuvre des prisonniers et déportés). Ensaio. Edição do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife. (UFPE). Recife. 1958.

A Jeanne D'Arc de Claudel. In Doxa. Nº7 Recife. 1958.

À Sombra da velha casa. Saudações proferidas em nome da Congregação dos Professores do Colégio Estadual de Pernambuco. Coleção Cadernos de Pernambuco da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Recife. 1959.

Os Velhos Mestres. Estudos sobre figuras e instituições ligadas ao magistério pernambucano (Aníbal Fernandes, O Ginásio Pinto Junior, O Colégio Estadual de Pernambuco). Edição da Imprensa Universitária. UFPE. Recife. 1967.

Quelques mots pour saluer: MM. Paul Guinard, Marc Blancpain, Jean Roche. Editora Universitária. Recife. 1979.

Um mestre e seus fantasmas. Recife. 1976.

Para que serve um Professor de grego. Coleção Espírito Universitário. Ed. Universitária. UFPE. Recife. 1981.

Dias de Olinda. Câmara Municipal de Olinda. Olinda. 2001.

O Romancista e sua cidade: Lucilo Varejão e Olinda colonial. Discurso de Posse na Academia Pernambucana de Letras. Recife. (A publicar).

O Universo romanesco de Roger Martin Du Gard. Ensaio. Recife. (A publicar).

A Presença Francesa no Recife. Ensaio. Recife. (A publicar).

Grandes Mestres do Romance Pernambucano. Ensaio. Recife (A publicar).

PREFÁCIO

Para melhor situar este novo livro de Lucilo Varejão Filho, dentro do amplo panorama da poesia pernambucana atual, devemos compreender, primeiramente, seu título: *A Imagem de Pedra*.

Acredito que qualquer um outro poeta daqui, que escrevesse hoje sobre o Nordeste, o chamaria de *A Imagem de Pedra*.

Mas neste livro a pedra não é imagem nem a imagem é a pedra, porém a imagem é de pedra, a pedra não é o núcleo da sua poesia, mas apenas a forma, ou seja, de pedra é a imagem do deus pagão aos pés do qual alguém entoava a canção dos desesperados.

Não versa, pois, esta poesia sobre a pedra ou sobre o Nordeste propriamente dito. Ela também não se situa em nenhuma região puramente geográfica nem descreve um tema único. Ela é a poesia de todo o tempo.

Em versos livres e brancos, onde a métrica e a rima aparecem como um acidente ou uma exceção, como no caso do poema *Balada*, o poeta, além de apresentar um ritmo fácil de ser apreendido pelo ouvido, desperta, através da forma, a sensibilidade visual do leitor.

Embora, como já foi dito anteriormente, ele não bata sobre a mesma tecla, o motivo bíblico se torna o eixo ou o tema central deste livro. Se existe o paganismo do primeiro poema, que originou o título do volume, ou a invocação aos deuses de pedra, Tetzcatlipoca e Centoatl, do México, tal fato não é constante, pois ele canta a Volta do Lázaro ou o Campo de Sangue (*Haceldama*).

É um livro de poucos poemas. Lucilo optou pela qualidade e escolheu a arte de Ladjane Bandeira para ilustrá-lo. Creio que um prefaciador (como não é o meu caso) devesse apenas descer ao âmago do poema. Quanto a mim, enquanto lia pela ordem estes poemas, tinha sempre diante dos olhos os desenhos de Ladjane.

Mas ouçamos um verso de Lucilo:

O vento da noite já sopra mais forte, querida minha.

Observe-se a possível influência do autor do *Cântico dos Cânticos* neste verso. As expressões *querida minha* substituem por assim dizer, *amiga minha*, *irmã minha* ou *esposa minha* que Salomão utiliza nos seus Cantares:

Eis que és formosa, ó amiga minha!

Ou

Que belos são os teus amores, irmã minha!

O mesmo acontece no belo *Poemeto à Maneira Chinesa*:

*Dizem que a metade que falta na lua
Foi comida por um dragão.*

Embora a forma e a temática pertençam à poesia oriental o modo íntimo de tratar é o mesmo do autor dos *Eclesiastes* e a expressão *querida minha* também se repete.

Como o autor do *Cântico dos Cânticos* influenciou indiretamente o autor de Rubaiyat (o mesmo se deu com o Existencialismo de Soren Kierkegaard em relação aos seus discípulos Albert Camus e Jean Paul Sartre) a nova poesia de Lucilo Varejão Filho, lembra, por vezes, o quarteto persa de Omar Kháyyam.

Senão vejamos:

*Ouve, amada
Terrível será a nossa história
O irremediável se interpõe entre nós.*

Ou

*Do teu sétimo descendente
Serás minha
Na carne da filha mais nova
Da tua puríssima geração.*

Ouçamos Kháyyám:

*Este vaso
Foi, outrora, um amante,
Como eu, que sofria com a
Indiferença de uma mulher...
A asa curva do vaso é o
Braço que enlaçava
O pescoço da bem-amada...*

Poderíamos, ainda, anotar algumas influências visivelmente francesas, na poesia de Lucilo Varejão Filho.

Note-se que a influência aqui apontada é toda de origem feliz, de uma linguagem poética, de uma filiação com o passado remoto ou a poesia hebraica e persa. Trata-se, portanto, de vinculação às raízes que através dos séculos, dão frutos, da melhor qualidade, nas mãos mágicas de Lucilo. Não há, sabemos, um só poeta que não sofra influências de outros poetas. Difícil é buscar dentro do tempo aquela identidade de espírito – que nos vem provar que o homem – se não é – parece o mesmo. Vale ainda ressaltar que as influências captadas por Lucilo, talvez pela ação própria do tempo, chegam diluídas, fragmentadas, e o toque da personalidade poética de Lucilo Varejão Filho, ao contrário de disfarçá-las, parece chamá-las para si, convidá-las para este banquete moderno de palavras.

Este poeta não segue, então, a linha dos novos poetas pernambucanos ou brasileiros e aparece com uma obra, até certo ponto, original.

A beleza da poesia de Lucilo Varejão Filho vem mais das situações criadas pelo poeta, que, propriamente, das imagens ou metáforas:

*Ó fantasmas da noite
No meio de todos vós
O mais atormentado sou eu.*

Eis aqui, o exemplo de uma situação. Não há nenhuma comparação entre o poeta e os fantasmas, mas entre o tormento do poeta e o tormento dos fantasmas. Ele já se situa, pois, entre os fantasmas e diz que, no meio deles, é o mais atormentado.

A Imagem de Pedra é uma canção de amor. Quando ouvimos algumas vozes contrárias, vemos que a delicadeza do poeta ao tratar o poema é a mesma de quem trata com flores.

Lírico por excelência é Lucilo Varejão Filho e, dentro do seu mundo subjetivo, um poeta maior, que sabe acompanhar o tempo, ligando com o fio mágico da sua poesia, o passado ao futuro.

Encanta-moça, no Recife, fevereiro de 1973.

Marcos Vinícios Vilaça.

A IMAGEM DE PEDRA



LADJANE-57

A IMAGEM DE PEDRA

Por que esperas ainda?
Desde que o sopro da noite
Apagou o lume do sol

Foram fechadas todas as portas da aldeia.
É inútil tua espera
Porque Ele nunca chegará.

Desce o teu véu, vem à porta da tua choupana
E olha o céu.

Vê que a lua subiu mais alto,
Que os bambus que crescem junto à estacada.

Já foram fechadas todas as portas
Para que os bandos de lobos não penetrem na aldeia

Ele não chegou até a lua subir mais alto
Que os bambus que crescem junto à estacada!
Todos os guias se negaram a ir ao seu encontro
E Ele que se perdeu no seio da mata estendida
Para além do muro da aldeia
Foi entregue à própria sorte.

Reentra em tua cabana,
Acende a candeia votiva
E entoa aos pés da imagem de pedra
A canção dos desesperados.

CANÇÃO DO PROSCRITO

Ouço-te respirar ao meu lado
E me alegre no teu sono calmo
E no teu espírito pacificado.

Certo a noite lá fora ganhou formas bem mansas
E a madrugada se anuncia
No canto quase imperceptível dos galos distantes
Ou na estranha luz que há nas altas palmas dos coqueiros
Mas permanecem os perigos dos caminhos
Onde as sebes ainda estão envoltas em sombras densas.

E tu vieste por esses caminhos
Vieste-me procurar!

Não entrarei na aldeia, Amada
Onde me aguarda a pena iníqua dos homens
Haveremos de amar-nos sob o teto de hospedarias
Vendo banhado o telhado
Pela esfumaçada luz dos candeeiros de azeite,
Nas estradas que à aldeia conduzem.

A tempestade encheu as primeiras horas da noite
Quando molhada e sozinha me vieste procurar.

Mas, agora, a noite segue mansa
Para a madrugada que vem.

Ouço-te calma respirar ao meu lado
E me alegre uma vez mais no teu sono solto e sem cuidado.

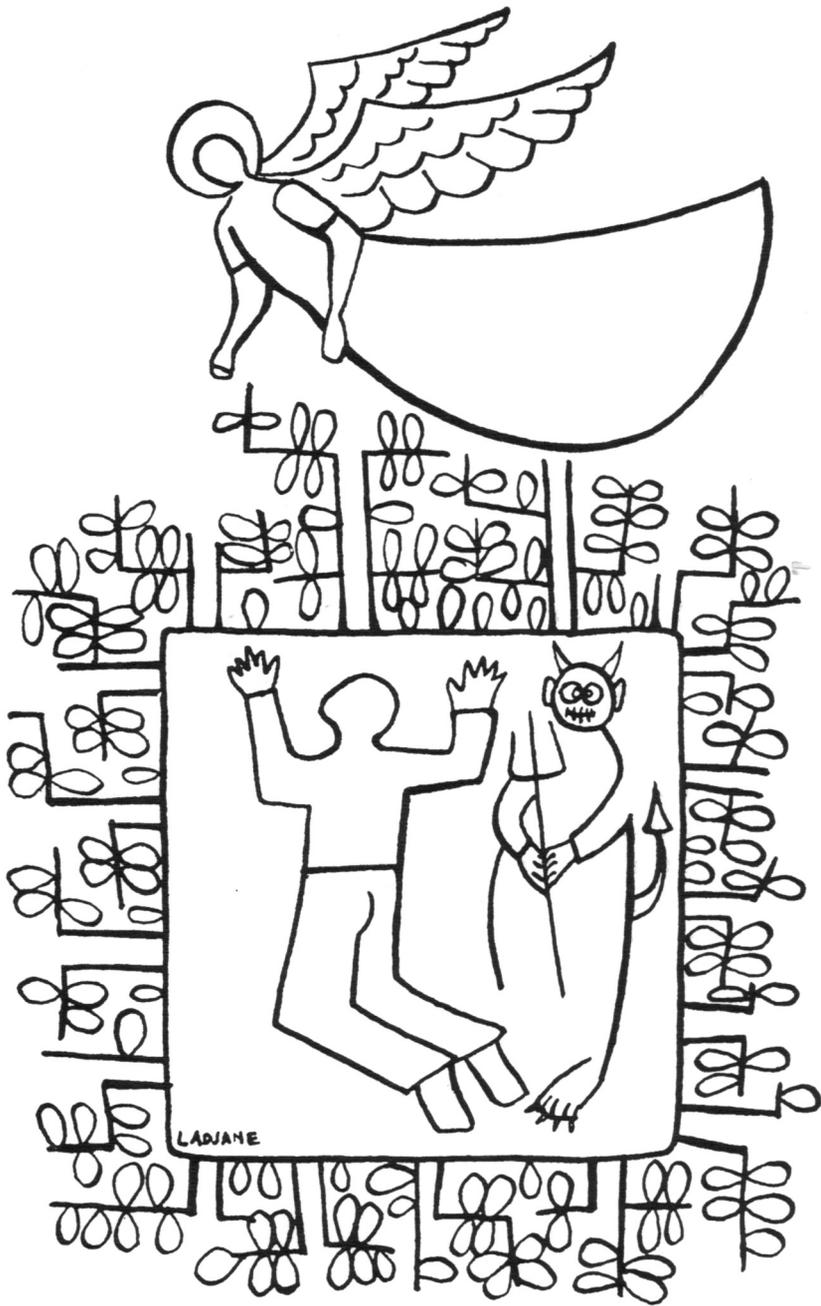
A BAILARINA

Vieste de um tempo sem memória
Para este corpo
Onde os mais belos seios, que os anos conheceram,
Entumescem.

Por tempo longo
Pairaste com os vapores sobre as águas
E branda foi a curva do ventre
Que te conteve.

Fundamental foi o gesto
Que levou teu pai ao encontro de tua mãe
No ato que te gerou.

Trazes sobre a pele
Farrapos das neblinas
Que atravessaste nessa noite
Em que foste arrastada
Do tempo sem memória
Ao corpo branco
Que, nu, se agita
À luz clara dos lampadários.



O CANTO AFRICANO

É preciso impedir
Que seja louvado
O demônio azul
Na clareira do bosque
Onde as vozes costumam subir.

Na ponta dos cardos
Se dependuram as vozes
E no verso das mais altas folhas
Se colam as negras vozes
Reboando na floresta.

Entoemos a canção de Deus Novo
De imaculado manto
Cuja sombra nos céus
Os eleitos já viram
E a suave canção
Dominará o fundo canto
Das vozes infernais
Que nascem por detrás das selvagens
Máscaras de demônios.

BALADA

Ó névoas cansadas
Que tão fustigadas
Dançando levadas
Sobre verdes águas
Pelo vento vão.

Ai brandos que são
Nos lagos parados
Os vossos dourados
Pelo sol molhados

Já vosso azuis
Funerários são
Pois trazem chamados
Do negro Barqueiro
Que, mensageiro,
Me espreita – ai de mim!

...

À beira do abismo
Ó névoas cansadas
Esperais por mim.

LAMENTAÇÃO DO HOMEM ÉTERNO

Senhor! Venho do princípio dos Tempos
Sou o homem que não morre com as gerações.

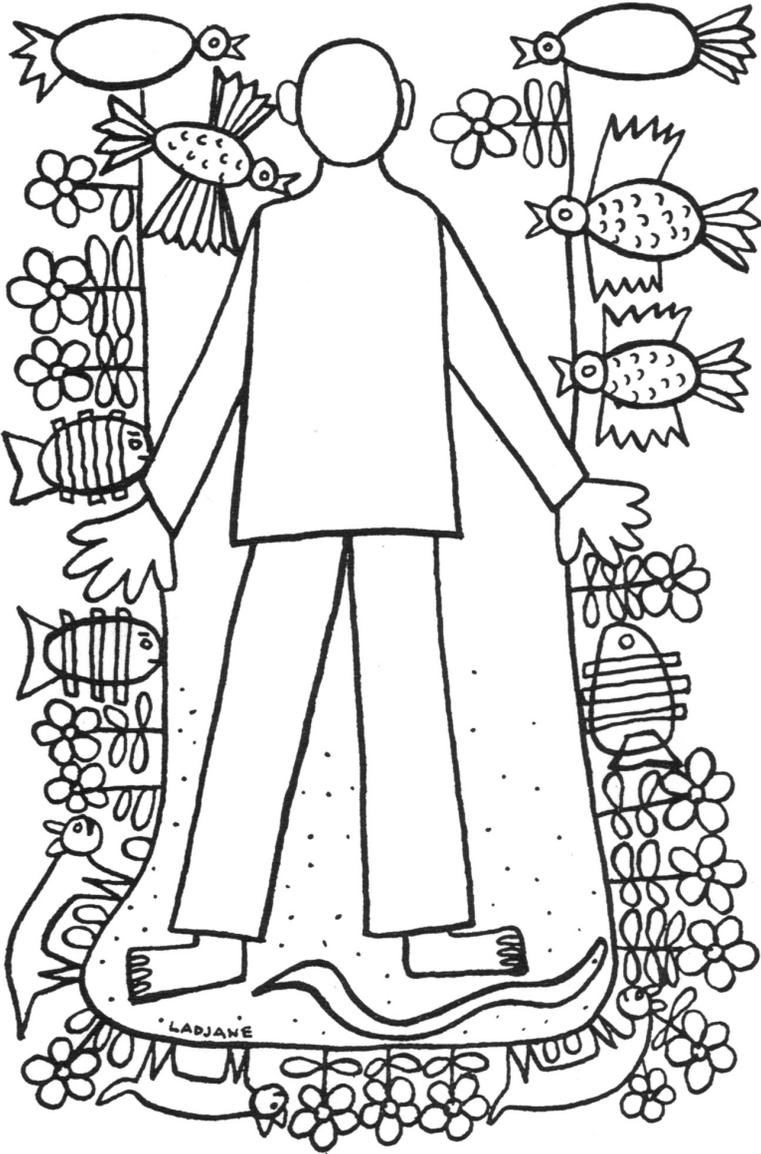
A mulher amada lá ficou perdida sob o pó dos primeiros dias.
E desde então sempre novos amores me esperam
Em cada época em que se alonga o Tempo.

Mas as amadas são de frágil carne
E morrem antes dos cem anos.

Só eu prossigo, atormentado, Senhor!
Estou sozinho dentro do universo.

Se ninguém sofre comigo, nem se alegra quando eu rio
De que me serve a eternidade?

Já não sinto o drama dos que seguem à minha volta
Quero sucumbir antes do primeiro homem
Quero ser pedra à beira do caminho
Poeira da estrada
Tudo que me possa libertar
Da angústia de volver os olhos para o mundo
E sentir-me isolado no meio da multidão!



RETORNO

Eu quisera voltar, senhor!
À pureza dos primeiros instantes
Como o lírio a que o orvalho das madrugadas
Conseguiu restituir a maciez veludosa
Que lhe roubara a poeira dos caminhos.

Eu quisera sentir na alegria destas manhãs estivais
Uma volta ao homem bom a quem vai afogando
Áspera vida
E que ainda permanece arquejando dentro de mim.

Há o peso morto da minha fraqueza que me agrilhoa ao pó.

Mas dá-me a Tua mão Senhor: eu me salvarei.

MÉXICO

(Sobre um motivo de G. de Carli)

Entre flores de cempasuchil
Segue o pequenino mexicano que a fome matou.

Vai pelo caminho do cemitério rural quando entardece
E onde à beira da estrada
Crescem tufos de flores silvestres
Iguaiszinhas àquelas que enchem o seu pequeno caixão
Enfeitado de papel da China.

Os outros garotos pobres que breve morrerão também
Levam grinaldas de flores, levam guirlandas de flores humildes.

Eles têm nos olhos fundos, a saudade do companheiro que já se foi.
Ó Tetzcatlipoca, o madurador das messes
E tu Centoatl que és a terra e o milho
Onde andam vocês todos, os deuses de pedra do México antigo
Que não vêem a tragédia do indiozinho pobre
Que morreu de fome?

MADRUGADA NA PENSÃO DE MULHERES PERDIDAS

Há um choro de criança
Na pensão de mulheres perdidas.

E quando vem se esgueirando
A madrugada
Por entre os grossos caibros
E a telha vã
O choro ecoa, o choro cresce
Na manhã que vem vindo
Para a pensão das mulheres perdidas
De corredores alegres e
Quartos silenciosos.

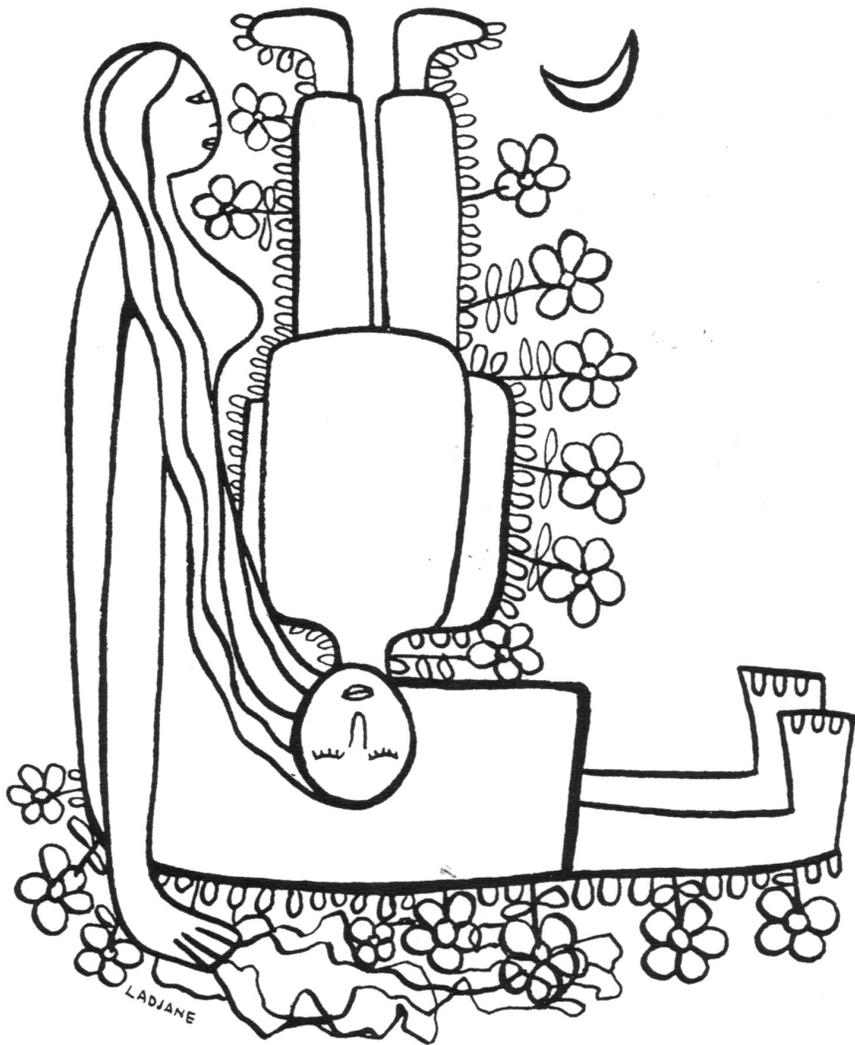
E quando se ouve o vagido inocente
Misteriosamente
Se cala o murmúrio e
Estranhamente se calam
Os genesíacos gemidos
Que brotam nas sombras
Dos quartos
Carnais e silenciosos.



LADJANE -59

CANTO DA MULTIPLICAÇÃO

Vejo-te nas corolas abertas
E o pólen
Que a ventania forte jogou
Sobre o lírio selvagem
Faz-me lembrar
Que algum dia também
Fecundarei teu corpo
E esse teu corpo
Que veio da sombra do início
Para a alegria genesíaca
De minhas mãos
Se repetirá
Misteriosamente
Em outros destinos
Na ternura imensa da Multiplicação.



POEMETO À MANEIRA CHINESA

Deixa que a noite baixe
Sobre nossos corpos cansados
Deitarei a cabeça sobre o teu dorso
Enquanto bordares arabescos no chão.
Dizem que a metade que falta na lua
Foi comida por um dragão
Mas não te inquietes, querida minha,
Nem porque os ventos soturnos
Encham de rumores as encostas desoladas
Do outeiro.
Oferece-me tua boca
Enquanto as horas passam.
Inunda-me o rosto de teus cabelos
E move teu busto, lento, para que eu sinta
O perfume que sobe dos teus seios.

POEMA

O vento da noite já sopra mais forte, querida minha:
Encosta-te mais ao meu corpo.
Os lampejos do farol
Do porto bem próximo
Abrem repentinas esteiras de luz
Na face turbada do rio.
Sob o ramo da castanheira brava
Que se debruça até a água intranquila
Há um belo e manso recanto de sombras
Meu amor.
Corramos nós dois para lá.
A noite vem pesando de estrelas
E é harmonioso o marulhar da água
De encontro às pedras do cais.
Mas olha que o vento da noite
Já sopra mais forte, querida minha:
Encosta-te mais ao meu corpo.



O AMOR TRANSMIGRA

Ouve, amada

Terrível será a nossa história:

O irremediável se interpõe entre nós.

Jamais minha cabeça

Penderá sobre teu peito.

Em vão meu corpo

Gritará pelo teu corpo

Porque o irremediável se interpõe entre nós.

Mas o sortilégio não desaba

Sobre mais de uma geração.

E um dia – séculos decorrerão por certo –

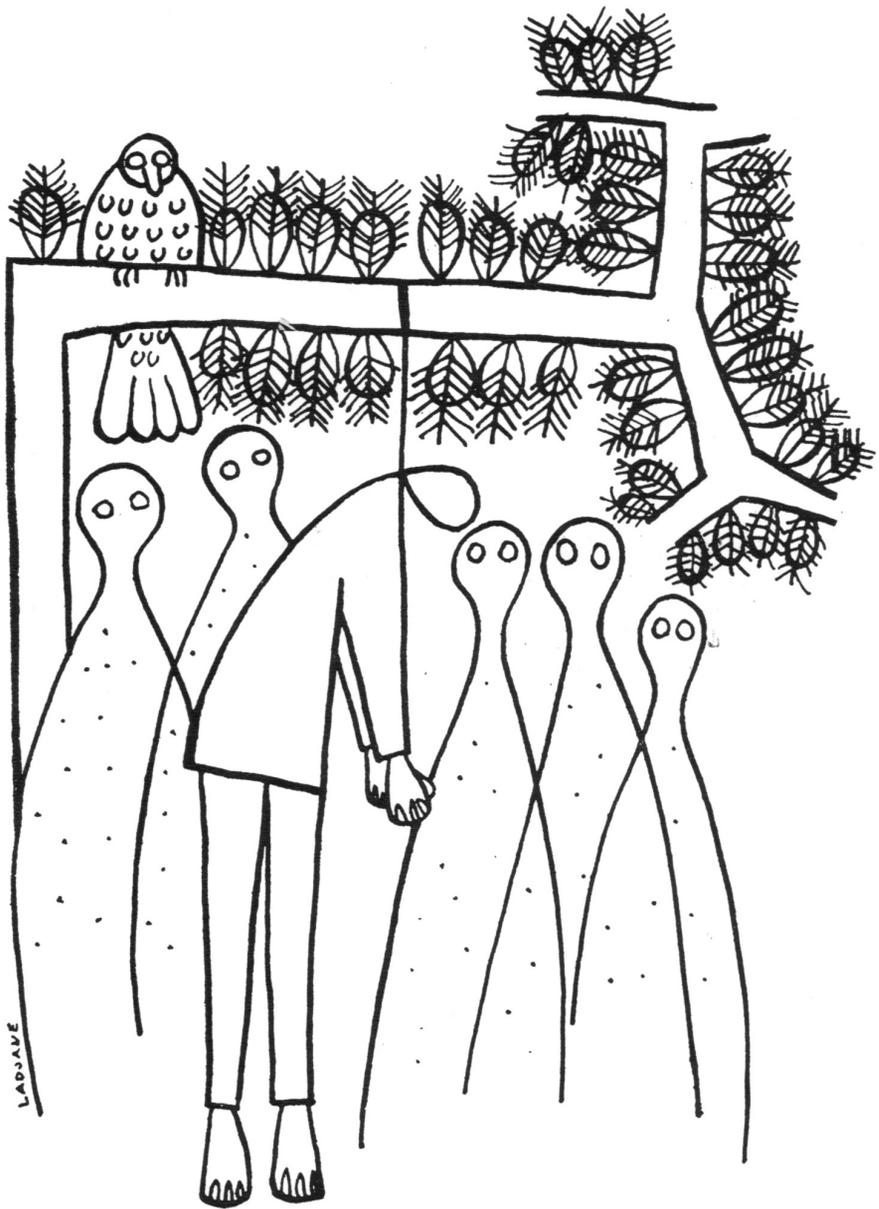
Pelo corpo do primogênito

Do meu sétimo descendente

Serás minha

Na carne da filha mais nova

Da tua puríssima geração.



O AMANTE DESESPERADO

Ó fantasmas da noite
No meio de todos vós
O mais atormentado sou eu.
Mãos sem corpo
Que vos gerais nas sombras
Retende o corpo da mulher amada.
Ó sombras macilentas sob a lua
Evocações dos amigos mortos
Cartilagens da Asa Vermelha,
Espalmadas na Eternidade
Sede minhas amigas
Tatalai inquietas sobre a sua cabeça
E depois riscando arabescos
Confundi a rota que ela seguiria no chão.
Espíritos de adolescentes
Bordai montanhas na lisura das campinas.
E vós, carpideiras, salmodiai gemidos por mim
Porque se a mulher amada partir
Quando vier lambendo os céus
O rio morno da quieta aurora
Outro corpo de suicida
Andará chamando a infinitude dos lamentos.

MARINHA

Teu corpo virá para mim e
Celebraremos nossas núpcias
Sobre o leito construído com a madeira
Dos navios há longo tempo naufragados.
Na ponta de teus seios andarão perdidos
Estranhos olores de algas marinhas
Ó que na ponta dos teus seios
Andarão perdidos!...
Música do vento virá tamborilando nas janelas
Canções e acalentos nos entoarão amigos
Quando teu corpo vier para mim
Sobre um leito construído com a madeira
Dos navios desde há muito naufragados.

A ROSA DE SANGUE

As últimas estrelas inda descansam
Sobre o velho soldado caído
Na madrugada de ação.
O velho soldado morto
Entre papoulas selvagens
Tem a face lívida
E os cabelos brancos
Molhados de orvalho.
Longe ficou a terra mansa
O quarto com os livros amigos
E os pássaros colecionados
No viveiro grande do quintal.
Da mão entreaberta
Se escapa o pesado fuzil
E o velho soldado morto
Tem no peito
Larga rosa de sangue
Que a mão do inimigo desenhou.

POEMA AOS DESLOCADOS DE GUERRA (1942)

Vós que guardais ainda
A memória das estradas molhadas
Em tardes cinzentas de França
Vós que ganhastes a custo
O primeiro porto de mar
E que ao deixardes a casa familiar
Vazia
Ouvistes ainda a larga janela do sótão batendo
Como batia tantas vezes
Enquanto dormíeis
E sob pesadas bâtegas
O campo infinito negrejava em solidão
Lá fora.
E que tomastes o trem ainda a medo
Vendo-o dinamitado em cada curva
Rolar no abismo.
E que vínheis com o ouvido cheio de frases:
“Mataram papai”, “Meu filho foi um herói!”
Recebei agora a nossa manhã
Qual doce manhã primeira
Recém-criada para vós.

SIMPATIA HUMANA

Simpatia humana

Vejam vocês se a encontram

No ritus angustiado

Do grego

Que morreu de inanição em Atenas

Ou nos cabelos desgrenhados da inglesa

Que se sentou sobre ruínas da casa

Onde a bomba do último avião

Soterrou-lhe o marido e a filhinha.

Mas não deixem, não deixem

De procurá-la sobretudo

No coração já semi-enegrecido

Que esguichou fora do peito

Do soldado mais novo

Do exército do oriente

Quando o esmagou ainda vivo

O peso do mais possante

Dos tanques de guerra

Que atuam na frente oriental.

POEMA AO AMIGO MORTO NA GUERRA

No campo largo, de ventos frios
Em canto de densa sombra
Tombou o Amigo.
No campo largo, de ventos frios
Ficou seu corpo ligeiro.
Ervas cresceram-lhe por cima
E águas transbordadas
Arrastaram-lhe uma perna
Que ficou plantada na outra margem do rio.
O corpo misturando-se com a Terra
Seus olhos fui descobrí-los numa flor.
Da sua boca
Sabe-se que em muda avenca se transformou
E é o amigo morto
Que eu vou encontrar esta manhã
Sob o azul do verão
Em rubras dálias do campo
E miríades de insetos de cor.

MÃE DO HERÓI, ESCUTA

Mãe do herói, escuta:
Não receberá no monumento, teu filho
A homenagem maior:
Brotará uma flor da sua órbita vazia!
E em seu crânio aberto
Em forma de taça
Se juntará a água das chuvas
E teu filho matará a sede
De aves numerosas dos céus.
O sol bárbaro já terá esmaecido
Uma fotografia
Que ele guardava junto ao peito
A escapar-se agora
Por entre os restos esfarrapados
Do fardamento
Que lhe envolvem a carcaça
A branquejar no areal.
E ao passar o vento
Hão de lhe dançar os ossos
Dentro das perneiras vazias.
A grama tenra virá
Brotando do seu ventre desfeito
Mas escuta, mãe do herói, escuta:
Brotará uma flor
Da sua órbita
Bem aberta, sob a vastidão dos céus.

POEMA TRISTE

Penso em fazer vir teu corpo para a sombra
deste salgueiro manso
Pois que foste plantada em terra estranha.
Fantasmas amigos aqui velarão melhor teu sono
E menos estranha será também
A voz do vento soprando nos bambuais.
Teus amados pássaros – os amarelos canários
ou o triste azulão
Esvoaçarão em sombrios e chuvosos fins de tarde
Sobre a tua campa mortuária.
Ah! Serás mais feliz
Que os que dormem na paz sombria
Dos carneiros das sacristias
Das velhas igrejas conventuais.

INVOCAÇÃO DA AMADA MORTA

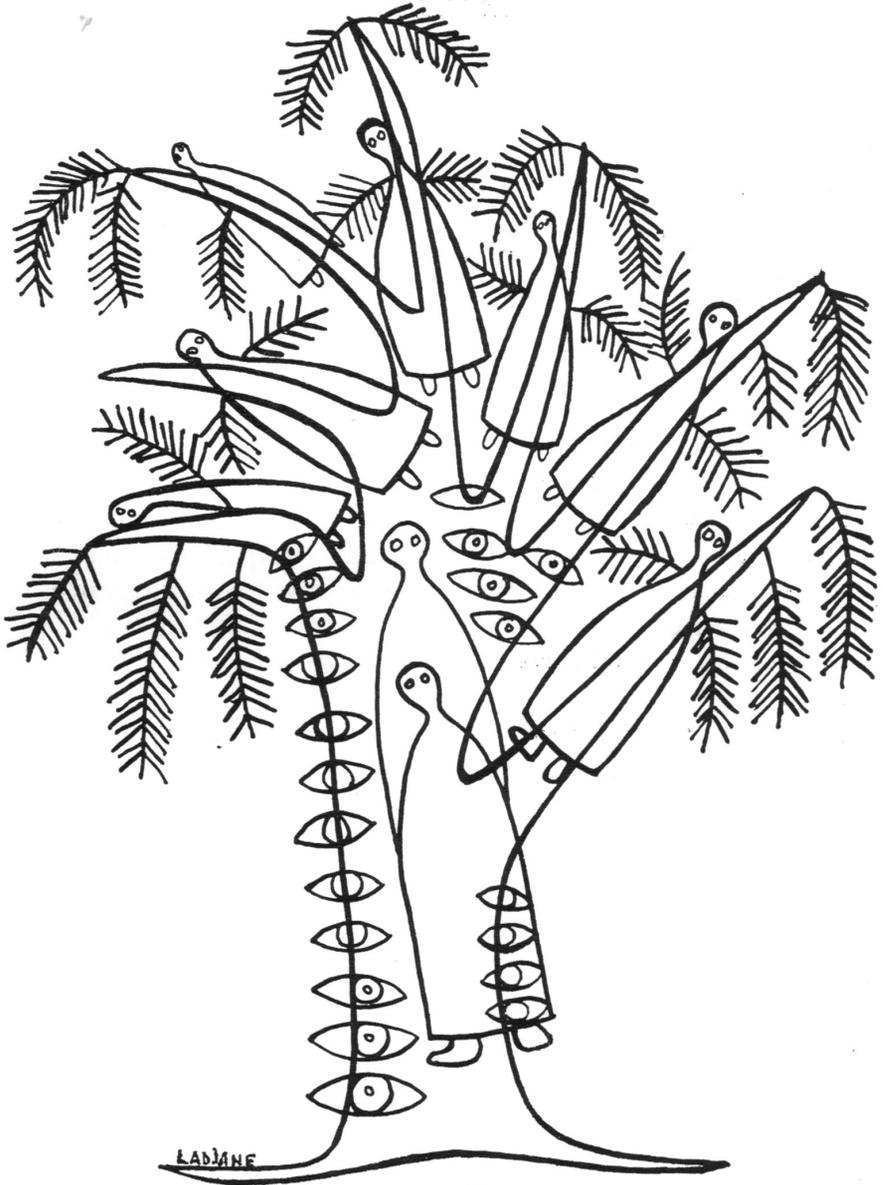
Interrompo uma oração para gritar teu nome
Pois círculos de fogo rodeiam neste momento a lua
E na densa sombra onde pontifica um pinheiro desgarrado
Um gato preto anuncia a presença de fantasmas.
Não me atemoriza o teu Missal abandonado
Que se move solto sobre a mesa
Nem a mão que se abate
Múltipla e pesada sobre a minha mão.
Mas reconheço a tua presença
E respiro tranquilizado o teu hálito de Morta.

OS MORTOS

Temidos mortos, gememos ao vento:
Ó Amado vento, passai devagar!
Deitados estamos sob a relva
E no mesmo lugar
Onde nos deixaram o pai, o filho, a esposa, o amigo,
Somos o bêbedo do bairro, a virgem impudica,
O pai exemplar.
Nossas almas largadas, voam ao vento
Ou erram à chuva
Que cai sem parar,
Prisioneiras do corpo até a carne acabar
Vagueiam e choram, sempre voltando ao mesmo lugar.

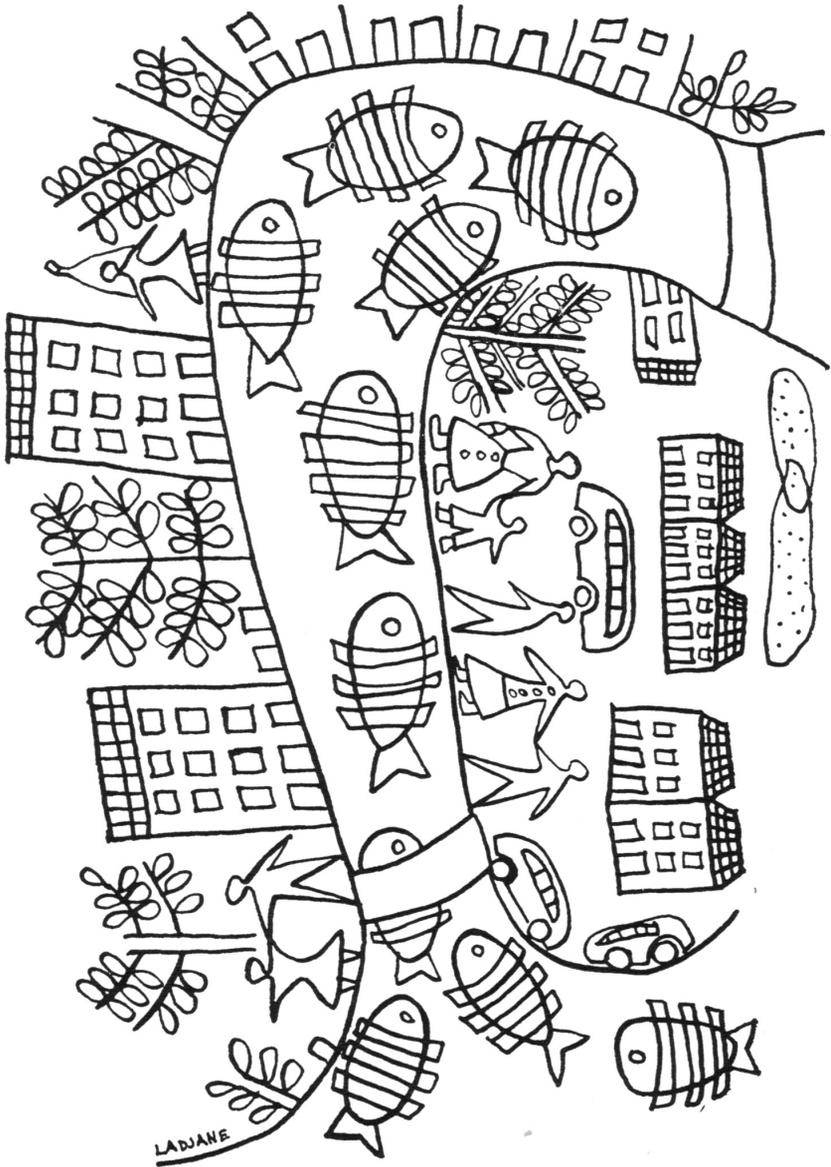
As Mãos

Mão morta
É mão de agonia
Nem segura a flor
Nem afasta a laje nua
As unhas crescem
O sangue não estua
Da mão morta
De tão grande agonia!
Mão viva que tens o bouquet
Levantas o sudário
E choras a mão
Que é de calor vazia
Caída a mão morta
Sobre ela desças tu, mão viva
E a ergas
E a componhas sobre o peito
Nesta paz que angustia.



POUSO DOS FANTASMAS

Ó salgueiro da margem do rio
Em teus galhos
Descansam fantasmas
Das peregrinações noturnas.
A chuva dos luares
Noite inteira te salpica
E em tua fronde pesam
Já manhã
As misteriosas névoas
Que cobriram, noite velha,
Túmulos silenciosos
Iluminados pela lua.
Salgueiro triste
Salgueiro medonho
Em tua folhagem se esconde
Um terrível sentimento
De angústia
E a balançarem os teus galhos
Lembrando desesperados acenos do Além
São como braços avançando de outros mundos.



POEMETOS EM DESENVOLVIMENTO

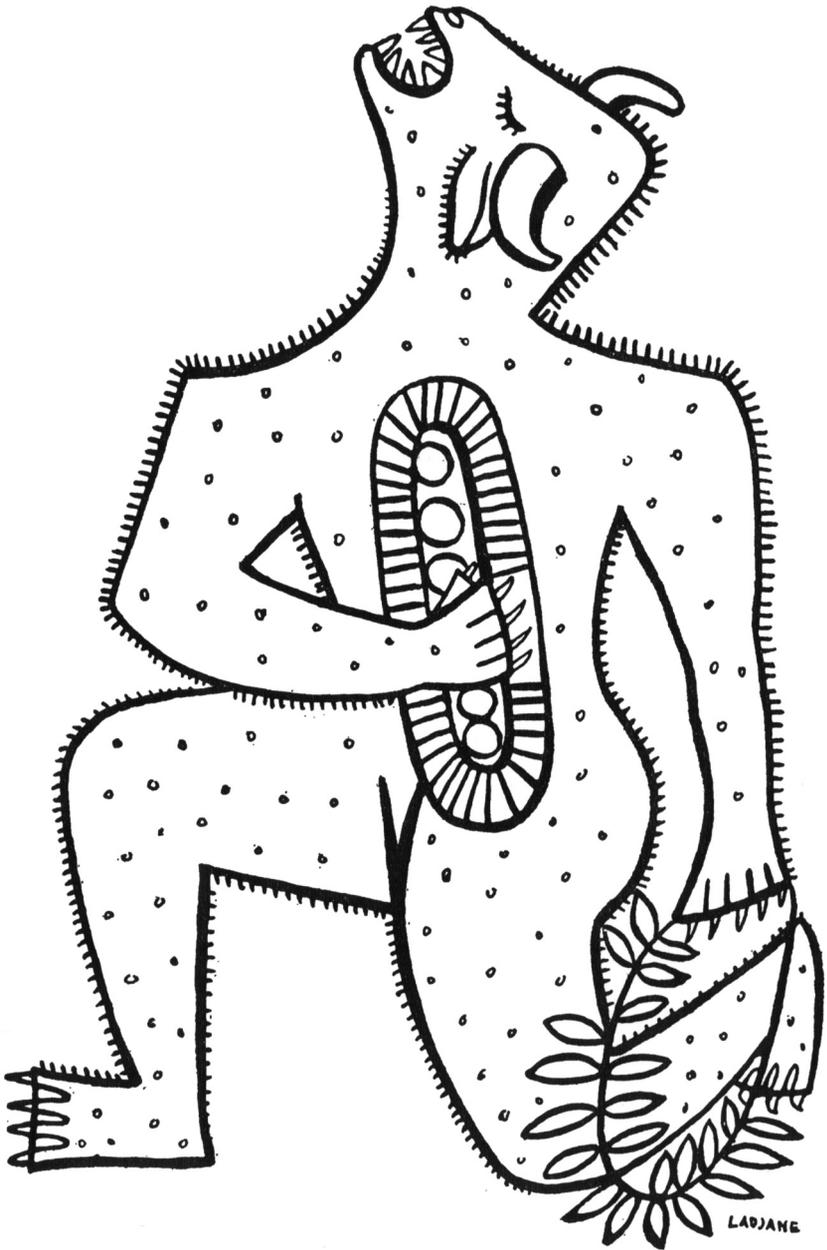
QUASE LINEAR

I – Subúrbio

Há a sugestão de uma rua cansada
E a negra lama e o verde mato
E a nuvem que se espreguiça
Num torpor.
Depois, um gato vadio
Vem descansar na cornija
Do telhado de tempos da Colônia
Sob o olhar de um Camões de pedra:
- A tarde, a rua deserta
A nuvem, o mato, a negra e o gato,
Enquanto no ar vai boiando
Lentamente a vida...

II – Cemitério da Redenção

Essa cruz na grama caída
Essa palma de orvalho molhada
A roxa perpétua na paz largada
Vêm os dias
As noites vão
Fantasmas passam na escuridão.
E a verde grama
E a palma orvalhada
E a roxa perpétua abandonada
Ficando vão...



LADJANE

A MORTE DO MINOTAURO

Vergastadas naus
Trouxeram a Morte, de Atenas:
Entre duras convulsões
E lancinantes urros
Uma lâmina feriu fundo
O hercúleo tronco que poderia ser
De herói ou de santo.
Inútil subir o olhar
Não há a presumida face
Onde o brilho dos olhos secou.
Vereis somente
Entre esgares de fera
O verde lodo
Que nas presas se acumulou.

POEMA ONDE SE FALA DE DOIS INFANTES SUJEITOS A PESADELOS E MIJÕES

Eram imensos e lentos dromedários
Entre dunas de areias coloridas
Após duras batalhas, mal feridas,
Com piratas ferozes, temerários.

Depois vinha negro beduíno
Em corcel de cauda espadanada
Pousando no sonho do menino
Alvoroçar-lhe a madrugada.

No leito junto havia o fogo e a lama
O fogo, fácil de atear em sonho de menina
E o seu calor juntou-se ao da urina
Da criança que molhou a cama.

LÁZARO VOLTA

*Veio pra o que era seu, e os seus não o receberam.
São João I,11.*

As mãos já me vinham descarnando
E musgo novo cobrindo os meus cabelos
Verde mancha em meu ventre anunciando
A podridão que afasta todos os desvelos.
Por Teu chamado, Senhor, a este desterro
De um triste mundo estou restituído
Mas de limo tenho hoje o corpo ungido
E o cheiro de terra a mim todo penetrando
De mim vai apartando Mãe, Irmão, Amigo.

...

Ó! Reentregue ao vosso amor antigo
Entre mim e vós, entre vós e mim
Inda se ergue o canto do flautim
Que vosso passo acompanhou em meu enterro.

O CAMPO DO SANGUE

Mas os príncipes dos sacerdotes tomando o dinheiro lançado por Judas no Templo compraram com ele o campo de um oleiro, para servir de cemitério aos forasteiros. Por esta razão se ficou chamando aquele campo, até o dia de hoje, Haceldama, isto é, campo de sangue.

S. Mateus, XXVII, 3.

Haceldama! Haceldama!

Em teu solo as flores fenecem:

Nunca mais os imensos girassóis!

És o campo do sangue

E farás secar as raízes -

Nunca mais espigas maduras ao vento

e ao sol.

Da tua argila

não mais odres para o vinho

ou cântaros para a água.

Em lugar de sementes receberás corpos

De forasteiros

(que a morte surpreendeu

nas estalagens ou pelos caminhos):

Darás apenas uma colheita de ossos.



VOZES

Cantai Pai, antigas vozes
Entrelaçando de sons seu nome
Ó vozes tão amigas.

E vós os que dançastes ao som das cítaras
Erguei do chão o alaúde e
Maldizei os amores.
Enchei do novo som todas as torres
Que se ergam na cidade de altos muros.

Venha no vento fresco o cheiro de olivais
As mulheres recolham à casa,
Ao ombro claro,
O cântaro cheio de água viva
Entregues estejam os homens aos seus misteres.

Mas vós, antigas vozes
Cantai o Pai,
O Pai somente.

LAMENTO DO REI DEFUNTO

Em baixo da dura pedra
Num reino de podridão
Debaixo da fria laje
Descanso do esforço vão

Mas que terra estranha é esta
Em que assim me caem os cabelos!
E crateras se me abrem em festa
Nas carnes duras do peito.

Aqui me apodrecem, os veludos
Cresce o lodo em minha face
Ah! Se o ferver dos vermes cessasse
Paz haveria em minhas entranhas.

As amantes que tive, tão belas
Olham-me hoje com horror
Envolvendo-se em meu manto já roto
Quem virá falar-me de Amor?

Em baixo da pedra dura
Estou num reino de lama
Sob verde leito de grama
Que meu crânio seco perfura

Ai!... por baixo da pedra dura
Num mundo de estranha estrutura
Começa bem grande aventura...

O POETA E SEUS LIVROS

Senhor! Quando me levores deste mundo
Por caminho de árvores bordejado
Põe-me, lá, em canto sossegado
De teu palácio de Amor profundo.

Quero perto velho cedro bem amigo
E vento leve que sacuda os espaços
Espantando os frios e mormaços
Nesses dias que irei viver conTigo.

Põe claridades e pios nas janelas
Dá-me o sossego de becos e vielas
Sob Teu olhar antigo e acolhedor

Mas deixai-me, Senhor, levar meus livros
Que contarão aos Anjos espantados
A história do Homem e sua dor.

O HOMEM, A MULHER E O MUNDO

Teu amor é ponte para o mundo
As coisas e os seres
Por teu intermédio se fazem familiares.
Mas sobre que bases
Repousa esse entendimento:
- Meu corpo e o teu
Que tudo pode esmagar
(A queda de um avião
O acidente cardiovascular).
A porta que abre para a alegria
Pode deixar-nos cair na angústia.
Ainda assim de nossos corpos sobem sonhos
Sobem desejos.
Mas sobre que base tudo repousa:
Um nada que ao outro nos tire
E então
Perdido o sentido das coisas
Mudos e impenetráveis fantasmas
De um mundo sem nexos
Serão já
Os seres que nos rodeiam.



A UMA DAMA

(Poemeto ronsardisante)

Vosso leve andar de gazela
Vosso triste ar de Madona
São dons de graça serena
Senhora Dona, Senhora Dona.

Já vossos peitos tão duros
São tentações dos sentidos
Escondidos por trás dos muros
De tão pesados vestidos.

Mas vosso olhar desdenhante
Do tempo não vê cair novo dia
Que vossa graça consome
E a mim desgasta e esfria.

Por isso vos digo, Senhora
Se a vida é breve instante
Depressa, aceitai agora
O meu Amor suplicante.

POEMA DIANTE DO TÚMULO VAZIO DE UM REI PORTUGUÊS

(Para Luís Delgado)

Inutilmente na rocha cavei meu túmulo.
Nele de meu reino
Os artistas deixaram seus labores:
 na pedra disseram o meu nascer
 meus atos bons, a minha morte
 (calando desta fraca vida os fracos momentos).

Calmo e tranquilo eu esperaria
A ressurreição dos corpos.

Eis que o tempo desgastou
De meu túmulo os labores
E desrespeitosas gerações
Meu corpo à fossa comum lançaram.

De meus ouros pilhado
Sou apenas maxilar na terra encontrado
Osso velho levado ao museu.
E em puro nada é tornado
O justo cuidado pelo sono perfeito.

Mas, pó, ligeiro recomposto
Verei um dia
Quando as trombetas soarem
Refeita a face
Que para meus vassallos
Me identifica
E o corpo, e estas mãos
Com que, outrora,
Entre estandartes e lanceiros
Impus, Senhor
Aos infiéis a Tua lei?



O TIRANO E O POVO
OU
PARDOXO DAS FESTIVIDADES REAIS

(Poemeto à maneira de Konstantinos Kaváfis)

Por que estão engalanadas as avenidas?
É dia feriado e sua Majestade
Vem para grandes inaugurações.

Há no ar um clima de Festa:
Mas por que está tão austero o rei que chega
E em cada esquina
Um espia bem postado
Varre com o olhar
A multidão que se prepara para aplaudir o Rei?

É porque sua Majestade busca
Não deixar transparecer seu medo.
Ela sabe que a colorida festa do seu Triunfo
Pode vir a ser do seu funeral.
Há sempre uma vocação de herói em cada canto
Disposta a matar o Rei
Em nome do Povo
Que veio aparentemente à Festa para aplaudir o rei.

EM ÁGUAS TURVAS

Mostra-te sapo-rei:
Que no brejo a todos seduzes
Com teus verdes azulescentes
(Da matéria em decomposição...)

Tua corte inchada
A bocarra fremente
Em cantiga estridente
Te faz tal louvação
Que as outras vozes cerceia.

Mas não te iludas, Sapo-Rei
Todo o charco, temente
Só faz coro à antiga
Em medrosa entonação.



OS GATOS À NOITE, NA OLINDA COLONIAL

(Sobre um tema caro a Baudelaire, que tanto amava a poesia de Edgar Allan Poe, o que nos leva a uma gata olindense, com toda a pinta de haver lido O Corvo, do velho Poe).

Ui! Que madorna...
Vamos querida
Para a doce luz das estrelas.
Geme um cherimbabo amarelo
Chamando a companheira.

Vamos vagar um pouco
Pelos telhados em paz
Por esta noite tão longa
Que quase não finda mais.

Vamos andar bem de manso
Revendo as velhas cornijas
Dos velhos sobrados, em sombra
Ou à branca luz do luar.

Por sobre poiais carcomidos
Nos cantos de tantos umbrais
Encontraremos amigos
E pularemos pelos quintais.

... ..

Mas ao calor da cinza quente
Retorcendo o corpo em preguiça
A companheira esganiça:
“Isso não. Nunca mais!...”

A BARCA DO SONHO

Por mar azul e prata
Vai o veleiro Pirata
O soberbo Bergantim

E são dez canhões de banda
Na tarefa nefanda
De apresar o botim

Vai enfunando o velame
Retesado está o cordame
Por força dos temporais

A espada inda trago à cintura
Mas antes que por um dos portos
Eu dê entrada no País dos Mortos:
Será esta minha grande Aventura?

... ..

Oh! É tão só a Barca dos sonhos
Delícia de todos nós!
Que sobre abismos medonhos
Vai carregada de sóis.

A CARRUAGEM

À memória de Haroldo Bruno e de Mauro Mota.

Ela virá
Em seu carro saído da bruma.
Estranho cheiro de terra e mofo
Anunciará a sua presença.
Mas tu, só tu que vais partir
Verás
Nas transparências da tarde
As tábuas semi-apodrecidas
E os dourados de mau gosto
Da carruagem
De ferragens desconjuntadas
Que se movimenta num estalar de ossos
Quando Ela
Tomando as tuas mãos
Entre as suas mãos geladas
Te convidar a tomar assento
Na sombria Carruagem
Que para as sombras te levará.

POEMA

Na solidão e no silêncio
Ouço somente a voz da Parca:
“Querendo, ou não querendo,
Terás sempre a minha Paz.”
E abrindo os braços descarnados
Com rouca voz anunciou:
“Oh, vós os Destinados
À terra do Nunca Mais
Deixai no portão de entrada
O saco das lembranças
Onde até o último instante
Empurrastes “coisas de não esquecer”.
E que nenhuma imagem antiga
Venha perturbar vossa visão perene
No meu asilo da Eterna Tranqüilidade.

E vendo-a e ouvindo-a
Com olhos e ouvidos da mente
Ei-la diante de mim
Abrindo os braços descarnados.



SÓ, IRREMEDIAMENTE SÓ

Estou só
Irremediavelmente só.
Por que vos pusestes
todos, tão cedo, a dormir?
Oh meus bons e velhos amigos:
Armando Souto Maior
Hilton Sette
Geraldo Lapenda
José Lourenço de Lima
José Cavalcanti Sá Barreto
Manuel Maria de Araújo Sobrinho
Amaro Soares Quintas
José Brasileiro Vilanova
Antonio Souto Neto
Rorenildo da Rocha Leão
e até Lucilo, meu velho pai:
Por que, tão cedo, vos fostes deitar?
Logo, também estarei dormindo
Mas... que voz longínqua me dirá
Se quando chegar o claro dia do fim dos tempos
Iremos, logo, jubilosos, acordar?...

LINGUAGEM E ESTILO
DE LUCILO VAREJÃO FILHO EM
A IMAGEM DE PEDRA

Maria Clementina Lapenda

Mestre em Letras.

Ex-Professora do Departamento de Letras da UFPE.

Autora de Níveis estruturais da obra literária.

1. A IMAGINAÇÃO LITERÁRIA

Depois de realizada, a criação literária se desprende do autor e passa a ter vida própria, autônoma; passa a pertencer ao leitor.

O canto se liberta do autor, voa...

Voando, chega às mãos do leitor, o qual, ao se submeter à obra literária, vive os aspectos que lhe são postos à disposição, fazendo-o *ver* as coisas tais como são apresentadas, como se as mesmas fossem reais. Nele são despertadas múltiplas vivências, tornando-o capacitado a experimentar, sob o efeito da leitura os mais diversos sentimentos.

Nesse mundo de criação artística surge a crítica. Entre os dois – autor e crítico – existe uma diferença capital. Aquele cria e este teoriza e analisa.

Jean Cohen (1966, p. 164-165), diz que a linguagem possui duas funções: intelectual ou cognitiva, e afetiva ou emocional. Utiliza os termos conotação e denotação para designar essas duas funções da linguagem. Ressalta ainda que ambas têm o mesmo referente e somente se opõem no plano psicológico, pois a denotação suscita no destinatário da mensagem uma resposta cognitiva, e a conotação uma resposta emocional. A diferença não está, segundo ele, no sentido da mensagem, mas no efeito que ela causa ao seu receptor. Por exemplo: *o satélite da Terra, a rainha da noite, o astro de prata, a foice de ouro* remetem ao mesmo objeto: *LUA*. Os referentes não são o objeto, mas as mensagens remetem o receptor a ele – *LUA*.

A diferença reside na maneira de referir-se, pois os vários tipos de expressão, embora remetendo ao mesmo objeto, suscitam maneiras diferentes de captação. A primeira referência suscita uma visão conceitual; as restantes, visões emotivas. Partindo desse pressuposto, podemos estabelecer uma relação entre linguagens cognitiva e literária, atri-

buindo à cognitiva a função denotativa, e à literária, a conotativa, uma vez que o discurso literário cria objetividades puramente intencionais. A frase literária traduz de modo imanente a sua própria situação comunicativa; não está, como o discurso quotidiano ou científico, condicionada por referentes reais ou por contextos de situações externas.

Na linguagem usual, como nos diz Victor Manuel (Silva, 1973, p. 40), “um ato de fala depende sempre de um contexto *extraverbal e de uma situação extralingüística efetivamente existentes e que são anteriores a esse mesmo ato de fala. Na linguagem literária, pelo contrário, o contexto extraverbal e a situação dependem do próprio discurso, pois o leitor nada conhece acerca desse contexto e dessa situação antes de ler o texto literário*”.

O texto literário apresenta diferenças entre os gêneros cultivados. O poema seria igual à dança, não vai a lugar nenhum, mas se satisfaz consigo próprio, enquanto que a prosa seria a caminhada, a marcha: tem uma meta definida. Ambos, no entanto, tendem igualmente à presentificação e visam à realidade estética, embora com estruturas e funcionamento diferentes.

Façamos agora um paralelo entre o referente do discurso da comunicação normal, do quotidiano e o do discurso literário, onde a seqüência do raciocínio é apresentada dentro de quadros referenciais fornecidos pela imaginação.

No discurso quotidiano, o referente é útil à situação e à ação do destinatário, ou seja, o receptor só retém o necessário.

Exemplificando: Pergunto a alguém como chegar a tal lugar e me respondem: – Verá em breve um rio; quando avistar na margem esquerda um salgueiro, tome o atalho à direita.

Rio, margem esquerda, salgueiro, atalho à direita são pontos referenciais, fixando as indicações necessárias.

Na linguagem do escritor reside o problema da distinção entre o falso e o verdadeiro, na medida em que, “reflexivamente, mas não especulativamente, ela confere a si a sua própria verdade: a ilusão que produz, constitui por sim mesma a sua norma” (Silva, 1973, p. 41).

Tudo muda se leio um poema de Lucilo Varejão Filho (*Pouso dos fantasmas*, 1973, p. 43):

Ó salgueiro da margem do rio
Em teus galhos
Descansam fantasmas
Das peregrinações noturnas.

Não se trata aí de uma referência utilitária. Os vocábulos *salgueiro*, *margem do rio*, *galhos*, *fantasmas*, *perseguições noturnas* passam a ser referências puramente intencionais. “A finalidade não é informativa, mas exprimir certas emoções do poeta e excitar em nós emoções análogas” (Cohen, 1974, p. 163). Os objetos são intencionalmente projetados, e é principalmente o conteúdo de sentido das frases o elemento decisivo para a construção dessas objetividades apresentadas ao leitor. A intuição imaginativa do leitor passa a ser usada, colocando-se presente no mesmo ambiente criado pelo escritor, reproduzido numa realidade inigualável.

2. ASPECTOS ESTILÍSTICOS

No breve ensaio dedicado à poesia de Lucilo Varejão Filho, procuramos colher amostras expressivas que possam objetivamente fundamentar uma análise de seus elementos constitutivos e, a partir daí, o estabelecimento de relação entre seus elementos.

Sonoridade, mistério fraseológico, processos criadores – em particular os ligados à problemática da metáfora e do símbolo – são uma constante na obra do autor de *A Imagem de Pedra*.

Associados ao carácter simbólico e metafórico, detectamos elementos plásticos e sensoriais, de modo que, o estudioso de sua linguagem não

vai encontrar apenas algumas características definidoras, mas uma multidão de elementos típicos que não podem deixar de ser apontados.

Através de fantasias ou realidades circundantes, o Poeta cria seus poemas. Recolhe palavras, associa imagens, caracteriza fatos e momentos de sua e de outras vidas. Do mundo que o cerca, transporta para dentro de si os elementos que vêm ao encontro do *eu*. Esta participação do *eu* é um dote que só os artistas conhecem: esse dom do autor é que lhe confere a força criadora. A isso se deu o nome de *Einfühlung*, neologismo criado por Robert Vischer, (Ribeiro, 1969, pg.89/90), para exprimir auto projeção nos objetos, e graças a esse transbordamento do *eu* é que o artista adquire, através de sua arte, prodigiosa força de sugestão. O índice da criação artística é tanto mais alto quanto for o seu poder sugestivo.

As palavras e as imagens, ele as maneja, transformando-as no veículo que conduz o leitor à sua obra poética. As antíteses, fundamenta-as no dualismo essencial: violência e paz, vida e morte, ternura e paixão, amor e ódio.

No campo das unidades significativas, ou seja, no morfo-sintático, constatamos que o Poeta se permite certas construções de valor altamente expressivo. Talvez influenciado pelos escritores franceses, estabelece, como Flaubert, hiatos em sua linguagem: corta, rompe o discurso sem o tornar insensato. São rupturas de construção (anacolutos). Observamos este exemplo colhido em *Poema ao Amigo Morto na Guerra*, p.36

*O corpo misturando-se com a Terra
Seus olhos fui descobri-los numa flor.*

Sentimos claramente que a oração iniciada por *O corpo* não teve seguimento normal no verso seguinte, que deveria continuá-la, ficando, portanto, solto o período. No verso seguinte: *Seus olhos fui descobri-los numa flor*, o Poeta usa o recurso estilístico chamado pleonasma. Aí não se trata de inútil reiteração da idéia que já se continha no substantivo *olhos*; o pronome *os* insiste sobre o caráter intrínseco, dominante do objeto.

Professor Titular de Língua e Literatura Francesa no nosso Departamento, grande conhecedor dos clássicos, é natural que tenha recebido influência dos grandes mestres. Rimbaud é outro que o influencia. É freqüente em sua poesia o conceito de fantasia ditadora ou ilimitada. Comprovamos esta afirmação com a análise de *Poemetos*, p.45.

*Há a sugestão de uma rua cansada
E a negra e o verde mato
E a nuvem que se espreguiça
Num torpor.
Depois o gato vadio
Vem descansar na cornija
Do telhado de tempos da Colônia
Sob o olhar de um Camões de pedra:
- À tarde, a rua deserta
A nuvem, o mato, a negra e o gato
Enquanto no ar vai boiando
Lentamente a vida...*

Quando o Poeta criou estas originais metáforas, inventou os termos e a relação que dentro de cada fórmula une o adjetivo ao substantivo. A estrutura sintagmática é idêntica em: rua cansada, nuvem (que se espreguiça) preguiçosa, vida (que vai boiando) flutuante, e é essa estrutura que faz de cada uma dessas fórmulas uma metáfora. A figura da invenção não é original na forma, mas nos termos novos em que o gênio do poeta soube encarná-la. Esta linguagem não designa, suscita numa forma nova do enunciado. Forçosamente temos de nos deter na riqueza dos significantes lingüísticos, em virtude do caráter nitidamente metafórico que assumem as expressões criadas. São verdadeiras imagens que surgem. Sentimos a qualidade especial e a validade da linguagem que aspira à *visualidade*. As prosopopeias (metáforas personificadoras) devem-se ao reflexo do Poeta no Canto; a animização da rua (cansada),

da nuvem (que se espreguiça), da vida (que no ar vai lentamente boiando) são sentimentos e atitudes próprios para a criação do poema.

No campo morfoestilístico, devemos por em relevo a riqueza de sua adjetivação. Os adjetivos nunca excessivos nem dispensáveis tornam-se elementos essenciais, exercem fundamentalmente uma função estética, seja por seu valor sonoro, seja por seu valor rítmico e, no conjunto da frase, desempenham um papel de primeira importância na sua poesia.

Observemos o poema Balada, p.18.

*Ó névoas cansadas
Que tão fustigadas
Dançando levadas
Sobre verdes águas
Pelo vento vão.*

*Ai brandos que são
Nos lagos parados
Os vossos dourados
Pelo sol molhados.*

*Já vossos azuis
Funerários são
Pois trazem chamados
Do Negro Barqueiro
Que, mensageiro,
Me espreita – ai de mim!*

...

*À beira do abismo
Ô névoas cansadas
Esperais por mim.*

No poema, a escolha vocabular revela-nos uma procura de sonoridade: os vocábulos são, antes de tudo, elementos musicais.

Bastante curiosa é a construção das duas primeiras estrofes. Não sabemos se intencionalmente ou não, o autor usa na primeira, atributos femininos: *cansadas, fustigadas, levadas*. Na segunda, os predicados são masculinos: *brandos, parados, dourados, molhados*.

A valoração cromática e mitológica se faz sentir com muita força. As cores não aparecem por acaso, condicionam imagens e estão dirigidas para o mesmo campo semântico; verdes águas = lodosas, águas em *lagos parados; dourados* provenientes de *sol molhados*; azuis funerários; Negro Barqueiro. São imagens visuais que giram em torno da idéia de tristeza, morte. Atribuindo aos adjetivos sentido metafórico, eles assumem um valor concessivo, permitem a transposição de sentido. A imagem de Negro Barqueiro reforça a conotação uma vez que está relacionada com a figura mitológica de Caronte, barqueiro dos infernos, que passava na sua barca, as almas dos mortos de uma para outra margem do rio Estígio, mediante a paga de uma pequena moeda.

As névoas, as águas, os lagos parados se transformam em um ponto de referência, tendo no *vento* o complemento necessário. Em *Balada*, o Poeta consegue realizar uma transposição de sentido e passa de um plano real, limitado, para um plano configurado, evocado. Usa uma metáfora personificadora: *névoas cansadas*. O ambiente (elemento literário de descrição) está relacionado ao Poeta. As qualidades metafísicas, concretizadas e levadas a revelarem-se, partilham do seu modo de ser com as objetividades apresentadas, dependentes em si mesmas ou no seu ser e puramente intencionais, simulam a sua realização.

Em *A Bailarina*, p.15, o Poeta transita da simbologia para a morfologia sensorial, conotando a beleza, a brancura, a luminosidade. Vincula-se a sensações físico-eróticas numa semântica do vago do indefinível.

*Vieste de um tempo sem memória
Para este corpo*

*Onde os mais belos seios, que os anos conheceram,
Entumecem.*

O Poeta assume características barrocas. Deixa de conceituar a mulher como um ser idealizado espiritualmente, passando a vê-la como um ser apetecível e sedutor na sua carnalidade.

Na análise de estrato morfossintático, verificamos que o signo poético (significante + significado) está impregnado de conotações. A motivação do signo poético é proclamada desde os tempos mais remotos, até nossos dias, pelos poetas, filósofos, lingüistas, estilistas, críticos e teóricos da literatura, reconhecendo muitos, neste vínculo entre o significante e o significado, um *plus* da linguagem poética.

No poema, a expressão do significado não é direta e linear: encerra uma multivalência significativa. O Poeta plasma um aspecto que se caracteriza pelo propósito de maravilhar, de despertar na leitura uma admiração incomensurável. Sentimos inerente à sua estrutura artística a semântica da forma. O texto poético molda o conteúdo; todos os elementos estão carregados de significação. O poeta inventa uma linguagem para dizer aquilo que não teria dito de outra forma.

Está presente a problemática das origens e princípios. Nos versos abaixo transcritos, notamos a preocupação fulcral da comunhão homem/mundo, buscando a perpetuação do ser:

*Fundamental foi o gesto
Que levou teu pai ao encontro de tua mãe
No ato que te gerou.*

O objeto consistente, o corpo da bailarina – objeto poético, pois é com base nela que se instala a linguagem poética – é envolvido pelos elementos diáfanos e vaporosos do mundo fantasioso do Poeta. O poema é apresentado simultaneamente como um limite do abstrato, do sensível e do ideal de lucidez poética:

*Trazes sobre a pele
Farrapos da neblina
Que atravessaste nesta noite
Em que foste arrastada
Do tempo sem memória.*

A repetição *tempo sem memória* além de por em relevo o significado, tende a formar, através de um desenho rítmico, a imagem do conteúdo.

Rico em metáforas, traduz em palavras uma expressiva carga de emoção, ora significando a existência real, ora a ideal. Palavras há, ora usadas em sentido próprio: *os mais belos seios, corpo branco, luz clara dos lampadários*, ora em sentido figurado: *tempo sem memória, farrapo das neblinas*.

Em um ato consciente e intencional, o Poeta visa a um efeito estético; estabelece um sintagma em que ao determinado corresponde a coisa comparada, e ao determinante o comparante. O erotismo, no poema, a tudo sobreleva, adquirindo um caráter transcendental.

Os referentes luminosos, nos versos finais, reforçam a transparência dos *farrapos das neblinas* que a Bailarina traz sobre a pele.

*Ao corpo branco
Que, nu, se agita
À luz clara dos lampadários.*

Merece nossa especial atenção a adjetivação, um ponto alto no estilo do Poeta. Registramos uma adjetivação interna (subjativa): *tempo sem memória*. E três externas (objetivas): *belos seios, corpo branco, luz clara*. A anteposição do adjetivo *belo* ao substantivo *seio* é intensificada com o sintagma *os mais*: *os mais belos seios*. Esta construção confere ao substantivo um caráter expressivo, um julgamento subjetivo de valor. Nas construções: *corpo branco, luz clara* a proposição do adjetivo denota apenas um caráter meramente descritivo, uma objetividade de valor.

Desta análise, deduzimos que no poema a linguagem é intencional, tanto na expressividade quanto na evocação das imagens. O signo de intencionalidade acena para um significado pleno; investe-se na função de evocar a imagem.

Analisemos, agora, um dos muitos poemas, inseridos em *A Imagem de Pedra*, com a temática da guerra. É o *Poema ao Amigo Morto na Guerra*, p.36. Este tema chega quase à obsessão e é explicado pelo fato de o Poeta ter pertencido à geração que sofreu diretamente o impacto de Segunda Guerra Mundial.

Das lembranças e sentimentos, irrompeu o Canto, em versos livres e brancos, num ritmo harmonioso, numa sintaxe que traduz com esplêndido vigor a força da sua imaginação criadora. O poema é devidamente articulado, havendo uma total participação em todos os elementos oracionais.

O Poeta busca, nas recordações, uma forma de reter o passado, mesmo reconhecendo-lhe o irrevogável e crescente distanciamento. Neste poema, o aspecto das situações criadas faz-nos ver o que a obra literária nos apresenta. Lendo-o, nossa imaginação, de imediato, se coloca no mundo ambiente criado pelo Poeta. Gradativamente, o leitor é conduzido ao clímax do poema: o encontro com o amigo.

*Nos campos largos, de ventos frios
Em canto de densa sombra
Tombou o Amigo.*

O processo repetitivo, com que dá prosseguimento, assevera sua constância no objetivo de atingir a sublimação de algo a que se propõe: o encontro com o amigo.

*No campo largo de ventos frios
Tombou seu corpo ligeiro.*

Nos versos que se seguem, o Poeta descreve o que vê e, portanto como narrador, pertence ao mundo apresentado na obra:

*Ervas cresceram-lhe por cima
E as águas transbordadas
Arrastaram-lhe uma perna
Que ficou plantada na outra margem do rio*

Apresentação sombria e macabra, como se realmente fosse vista pelo narrador. As palavras fluem, percorrendo convenientemente para que as objetividades apresentadas formem uma visualização.

Nos versos abaixo, registramos um expressivo realce estilístico, já analisado no início do ensaio, mostrando que o Poeta não desconhece o quanto difícil é florescer sobre palavras.

*O corpo misturando-se com a terra
Seus olhos fui descobri-los numa flor.*

O efeito é dramático, as orações esboçam determinados esquemas de *aspectos* dos objetos representados - corpo, olhos – impondo ao leitor determinada atualização e concretização, e determinados preenchimentos de esquemas.

O clímax do poema se aproxima, e o Poeta faz-nos sentir mais intensamente a qualidade especial e a visualidade da sua linguagem.

*E é o amigo morto
Que eu vou encontrar esta manhã
Sob o azul do verão
Em rubras dalias do campo
E miríades de insetos de cor.*

Miríades de insetos de cor é a transubstanciação do corpo do amigo, tombado *no campo largo, de ventos frios*. O uniforme manchado de sangue, disperso pelos *largos campos* é-nos apresentado como *rubras dalias*. Não existe uma relação real, mas uma circunstância. O fato é essencialmente lingüístico, produzindo apenas implicações de ordem semântica. A grande arte do poeta reside em apresentar tais circunstâncias, onde as situações vivenciais e os aspectos, com que se manifestam as respectivas reações psíquicas, sejam determinados e impostos ao leitor, na sua função representativa. No poema, o conjunto das figuras tem uma valorização, um papel de primeira importância, deixam de ser detalhes e ornamentos do discurso que se possam suprimir; constituem propriedades substanciais, é como que uma marca literária . Dizer *dalias rubras*, por uniforme manchado de sangue, e *miríades de insetos de cor* em vez de corpo putrefacto é, para a mensagem como trazer a indicação: EU SOU POESIA!

BIBLIOGRAFIA

- Burke, Kenneth. *Teoria da forma literária*. São Paulo. Ed. Cultrix. 1969.
- Chociay, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo. Ed. Mc.Graw Hill do Brasil Ltda. 1974.
- Cohen, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo. Ed. Cultrix. 1966.
- Delas, Daniel & Filliolet, Jacques. *Linguística e poética*. São Paulo. Ed. Cultrix. 1979.
- Dufrenne, Mikel. *O poético*. Porto Alegre. Ed. Globo. 1969.
- Grammont, Maurice. *Traité de phonétique*. Paris. Lib. Delagrave. 1960.
- Kaiser, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra. A. Amado. 1970.
- Lapenda, Clementina. *Níveis estruturais na obra literária*. Recife. Ed. Universitária. UFPE/PROED. 1982.
- Lefebve, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra. Liv. Acadêmica. 1975.
- Marouzeau, J. *Traité de stylistique latine*. Paris. Les Belles Lettres. 1954.
- Melo, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Padrão Liv. Ed. 1976.
- Metz, Christian et alli. *A análise das imagens*. Petrópolis. Ed. Vozes. 1973.
- Ribeiro, Joaquim. *Teoria e hermenêutica literária*. Rio de Janeiro. Iozon. 1969.
- Silva, Victor Manuel de A. *Teoria da Literatura*. Coimbra. Almedina. 1973.
- Varejão Filho, Lucilo. *A Imagem de Pedra*. Recife. Cepe. 1973.
- Vilanova, José Brasileiro. *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Recife. Ed. Universitária. UFPE. 1973.



... o Poeta transita da simbologia para a morfologia sensorial, conotando a beleza, a brancura, a luminosidade. Vincula-se a sensações físico-eróticas numa semântica do vago do indefinível.

O Poeta assume características barrocas. Deixa de conceituar a mulher como um ser idealizado espiritualmente, passando a vê-la como um ser apetecível e sedutor na sua carnalidade.

Maria Clementina Lapenda

A beleza da poesia de Lucilo Varejão Filho vem mais das situações criadas pelo poeta, que, propriamente, das imagens ou metáforas...

Não há nenhuma comparação entre o poeta e os fantasmas, mas entre o tormento do poeta e o tormento dos fantasmas. Ele já se situa, pois, entre os fantasmas e diz que, no meio deles, é o mais atormentado.

A Imagem de Pedra é uma canção de amor. Quando ouvimos algumas vozes contrárias, vemos que a delicadeza do poeta ao tratar o poema é a mesma de quem trata com flores.

Lírico por excelência é Lucilo Varejão Filho e, dentro do seu mundo subjetivo, um poeta maior, que sabe acompanhar o tempo, ligando com o fio mágico da sua poesia, o passado ao futuro.

Marcos Vinícios Vilaça

ISBN 978-85-7315-820-5



9 788573 158205